

RENATO CARNEIRO CAMPOS: O CRONISTA E O PESQUISADOR

Maximiano Campos
Escritor - Assessor da
Fundação Joaquim Nabuco

Renato foi um dos melhores cronistas de uma cidade — o Recife — que tem dado ao Brasil alguns dos seus mais admiráveis escritores deste gênero literário tão difícil.

Autor de importantes pesquisas e ensaios, Renato na condição de cronista também se revelou um verdadeiro escritor do seu tempo e da sua terra, captando com grande sensibilidade o que de eterno pode existir no cotidiano, conseguindo com o seu personalíssimo modo de escrever revelar o que de permanente possa haver num instante, numa emoção, na mera circunstância.

Grandes teóricos da literatura, em todas as épocas, já discutiram bastante a validade e as características dos gêneros literários. Esses gêneros, com o tempo, podem sofrer variações nos seus conceitos, o que ocorreu com a crônica, no Brasil, que passando pelo relato histórico e o folhetim, chegou aos nossos dias com o significado que hoje todos conhecem. A crônica, nos dias atuais, pelo menos no nosso país, é um gênero narrativo tão difícil de ser exercido quanto livre de definições limitantes. Diante de um espaço quase sempre exíguo, no jornal ou na revista, o escritor tenta arrancar do cotidiano para serem realçados, o riso, a dor, a angústia, a esperança e a desesperança da vida que vive e a da que passa diante dos seus olhos e da sua sensibilidade de artista. Sabe-se que a crônica tem

parentescos com o conto, a reportagem, a poesia, a crítica, o ensaio, podendo assumir as características de uma quase "história social" um tanto anárquica, mas sempre reveladora de aspectos importantes de uma época, de comunidades, e até de um povo. Gênero apenas aparentemente fácil, não pode dispensar um grande poder de síntese, uma aguçada sensibilidade para descobrir e manter o interesse do leitor. Nem todo bom escritor consegue ser bom cronista, a crônica requer talento especial. Há casos de romancistas, ensaístas e poetas que foram e são excelentes cronistas, mas essa não é uma regra infalível. Há cronistas especializados escrevendo sobre assuntos específicos, enquanto outros, à semelhança dos clínicos gerais, tratam de tudo, vão escrevendo sobre todos os assuntos que lhes dão motivo e mote para expressar as suas opiniões.

A crônica exige dos que a exercitam um poder de comunicação que deve estar apartado tanto do que seja apenas hermetismo dos textos caprichadamente literários — resvalando para mero pedantismo — quanto da apenas facilidade aligeirada com que possam ser tratados assuntos chamados "palpitantes" atropelando o que em qualquer texto de um escritor deva ser o seu estilo, as suas características inconfundíveis.

Sobre a crônica, como gênero literário, já escreveram alguns dos melhores críticos brasileiros a exemplo de Eduardo Portella e Afrânio Coutinho. No entanto, não acredito na existência de gêneros inteiramente autônomos, como se fossem as fronteiras rígidas desenhadas nos mapas das definições.

Por ter em Renato um "herói" que povoou a minha infância de irmão mais moço e grande parte de minha vida adulta, sinto que talvez esteja impedido de ter com relação a ele a isenção crítica necessária. Presto sobre ele um mero depoimento repleto de compromissos com as minhas lembranças e tendo bem presentes as palavras do romancista: "Toda saudade é uma espécie de velhice".

Sempre aos Domingos,* foi o título que Renato, pouco antes de morrer, disse desejar ser o de uma coletânea que pretendia, ele próprio, fazer das suas crônicas. Se não me engano, há um filme com esse título. Não sei se a coincidência foi intencional. Não perguntei a Renato. Certamente ele escolheu esse título porque a maioria das suas crônicas era publicada no *Diário de Pernambuco*, sempre, ou quase sempre, aos domingos. Mas pouco importa o título desse livro, já que o seu mérito está todo no conteúdo, na mensagem que, ultrapassando o que geralmente existe de circunstancial em crônicas, num gênero que é por si mesmo fragmentário, conserva uma unidade de indiscutível valor humano e literário.

Não sei, pelo menos no caso de Renato não saberia, apartar o escritor do ser humano. Como se na vida de um escritor pudessem coexistir duas biografias.

* Uma antologia das crônicas de Renato, *Sempre aos Domingos*, que está sendo organizada pelo poeta Jaci Bezerra, deverá ser publicada ainda este ano.

Carlos Baker, excelente biógrafo de Hemingway, escreveu dois notáveis livros biográficos: *Ernest Hemingway — o romance de uma vida* e *Hemingway — o escritor como artista*. Mas, em vez de serem livros estanques, eles se completam porque todo escritor verdadeiro — Hemingway era um grande e verdadeiro escritor, inclusive nas suas reportagens que eram verdadeiras crônicas — não é muito diferente das criaturas da sua invenção, nem as suas opiniões reveladas sobre a vida podem ser diferentes das do homem que além de escrever livros, tem que viver e conviver com as pessoas e os fatos da sua época, e porque convive, e na medida em que mais convive, é que desenvolve o seu poder criador. Sabe-se que Flaubert confessou: "Eu sou Madame Bovary". Hemingway foi, também, Nick Adams, Santiago, Robert Jordan, Frederic Henry e tantos outros dos seus personagens. O mesmo diga-se de Tolstói, Dostoievski, Joyce e Proust, que são alguns dos maiores escritores de todos os tempos, com relação aos seus personagens. O mesmo pode ser dito do francês André Malraux, do inglês Dickens, do norte-americano Scott Fitzgerald, do cretense Kazantzakis, e dos brasileiros José Lins do Rego e Graciliano Ramos, todos eles memorialistas a seus modos de escrever ficção, alguns deles havendo escrito, inclusive, memórias: *Antimemórias*, *Carta a Greco*, *Meus Verdes Anos*, *Memórias do Cárcere* e *Infância*. Gilberto Freyre, autor de *Tempos Mortos e Outros Tempos*, diário da juventude, considera *Casa-Grande & Senzala*, um livro de certo modo autobiográfico. Há quem entenda ser esse grande ensaio uma espécie de autobiografia coletiva. Érico Veríssimo escreveu as suas memórias, *Solo de Clarineta*, não deixando de ser um tanto autobiográfico o seu notável *O Tempo e o Vento*; da mesma maneira que não deixam de ter aspectos autobiográficos *A Pedra do Reino* e *O Rei Degolado* de Ariano Suassuna.

Dizia Miguel de Unamuno que "há homens que se assemelham a livros, e livros que se assemelham a homens". Um verdadeiro escritor não pode querer se assemelhar a livros, a livros de outros escritores, assumindo atitudes de personagens, confundindo vida com literatice, a chamada "vida literária". Mas um escritor, se realmente grande, não escreve livros absolutamente diferentes do seu temperamento, de sua vida. Miguel de Unamuno, esse grande espanhol, ele próprio, se assemelha aos seus livros. Quem duvidar, que leia o seu ensaio *Como se faz uma novela*. Guimarães Rosa, em notável entrevista concedida a Günter W. Lorenz, disse: "Às vezes quase acredito que eu mesmo, João, sou um conto contado por mim mesmo".

Renato, o homem que ele foi, está muito presente nas suas crônicas, algumas delas com forte dose confessional, autobiográfica. Escreveu sobre o que viveu, amou, sentiu, padeceu.

Lembro-me dele com uma saudade renitente e a persistência de uma admiração nascida na infância e que cresce com o tempo. Uma admiração onde a figura humana, o amigo, o escritor, o irmão de sangue, misturam-se porque, para mim, havia muitos Renatos unificados pelo seu forte temperamento e marcante inteligência.

Nos seus ensaios, nas suas crônicas, ele consegue captar, com o seu poder criador, nesgas de céu e inferno, os seus próprios dilaceramentos diante de um mundo e de um tempo que não costumam perdoar com a tranqüilidade aos que têm a coragem de olhá-los de frente. Acredito que a bravura e a generosidade eram as qualidades que mais ressaltavam entre as suas virtudes. Uma generosidade que alguns dos seus amigos reconheceram e exaltaram, uma bravura que a aproximação da morte, por ele pressentida, não conseguiu quebrar ou dobrar.

Ele não era homem de sussurros, de salamaleques, vingando-se de desafeitos com maledicências cochichadas. Renato era de dizer a verdade de frente, ou então o que julgava ser a verdade, capaz de ferir e ser ferido, mas também capaz de reconhecer as raras injustiças que cometeu, se desculpar e reparar a ofensa do modo mais amplo e generoso, do modo que só os realmente corajosos podem e sabem fazer.

Recordo-me que ele, já bastante doente, continuava lendo muito e que havia gostado de uma pequena estória de Norman Mailer sobre um toureiro mexicano. Agora, releio nessa estória o trecho admirável da prosa do grande escritor contemporâneo, certamente falando do México e de grande parte da América Latina: "Nas terras tropicais negras e sangrentas, possuídas pela pobreza, pelos desertos, pelos pântanos, pela sujeira e pela traição, pelo desmazelo e pelos lagartos gordos de todos os piores desejos, pelo desejo excretório de passar o próprio veneno aos outros, a única coisa que mantém a coragem e a esperança na vida é o conhecimento de que o homem não pode ser julgado pelo que é todos os dias, mas somente por seus maiores momentos porque este é o instante em que mostra o que tenciona ser".

E quais terão sido os melhores momentos de Renato? Foram tantos: o amigo leal e solidário, o irmão fraterno, o escritor sempre combativo por um mundo mais justo e humano que transparece nas suas crônicas e livros, a exemplo do seu *Igreja, Política e Região*. E sempre nos seus melhores instantes, que foram muitos, ele mostrou que tencionava ser — e foi — um escritor e um homem ligado ao seu tempo e ao seu povo, uma voz que tentava se solidarizar com os humilhados, os ofendidos e oprimidos, com todos os que necessitassem de uma palavra de apoio contra as injustiças e as incompreensões. Ele nunca deixou

de alertar, na condição de escritor, para a necessidade de uma maior justiça social que é inseparável da liberdade.

Ele tinha uma memória extraordinária e era capaz de, com sua voz poderosa, recitar, de cor, poemas e mais poemas, dizer páginas e páginas dos romances da sua predileção. Aquela voz podia, como a de ninguém, animar uma conversa, protestar contra uma injustiça, incentivar um amigo, contar uma estória, proclamar as suas admirações, gritar suas paixões, falar sobre a vida e a arte. Era erudito sem ser livresco, buscava nos livros não camuflagens de vida mas confirmações dela.

Nascido numa casa-grande de engenho, filho e neto de senhores de engenho, não herdou terras, nem safras, mas recebeu como legado muitas lembranças, e uma espécie de "remorso" pelos privilégios de descendente de senhores de engenho, dilacerado por ter que se colocar, muitas vezes, contra a sua própria classe de origem e ficar, na condição de cientista social e escritor, ao lado do povo, sabendo que nunca as casas-grandes poderão resgatar inteiramente as suas dívidas com as bagaceiras e as senzalas.

Recordo-me que ele gostava de canário da terra e de briga, dos prazeres da cama e mesa, de varar as madrugadas na companhia de amigos, vivendo com incrível intensidade a brevidade de todos os instantes, buscando nessa brevidade o que pudesse existir de permanente através do seu extraordinário talento de escritor. Lembro-me, também, que ele era muito valente na defesa das suas opiniões e que coragem, inteligência e lealdade aos amigos, eram as qualidades que ele mais admirava e que as admirando, as possuía superlativamente. Poderiam ser dele as palavras de Guimarães Rosa: "O maior direito que é meu — o que quero e sobrequero — é que ninguém tem o direito de fazer medo em mim". Ele, realmente, não dava esse direito a ninguém.

Sendo boêmio, tinha instantes e épocas de recolhimento, gostando de ficar em casa, receber amigos, conversar com a família, escutar estórias de velhos parentes, um misto de Zorba e Quixote que, tirando férias, tivesse os seus momentos de Sancho descansando da companhia e das aventuras do cavaleiro andante. Não esqueço que sendo muito emotivo e capaz de grandes gestos de ternura, podia também ser agressivo sem nunca resvalar para o ódio ou o ressentimento. Assim, teve inimizades temporárias e amizades duradouras.

Lembro-me que ele tinha amigos nas mais diferentes classes e atividades sociais, crenças, profissões, e que a sua amizade era desinteressada porque ele sempre buscou mais ajudar que ser ajudado, compreender do que ser compreendido, possuindo um quê de romântico "cavaleiro andante" a fazer "intrigas do

bem" reconciliar amigos, aproximar pessoas, sem descabidas ingenuidades e falsas filantropias. Nele, cabem por inteiro, as suas próprias palavras em admirável crônica sobre o seu e meu amigo Lufs Heráclio: "Era tanta a sua solidariedade em relação a qualquer tipo de sofrimento que atingisse alguma pessoa de sua amizade que a sua alma virou uma espécie de abrigo das dores do mundo. Um procurador dos sofrimentos alheios. Administrador dos insucessos de quem queria bem, da massa falida tanto material como espiritual. Pronto-socorro constante das agonias dos amigos".

Algumas vezes agressivo e tantas vezes afetuoso; eventualmente incompreendido e quase sempre tão estimado e digno da estima dos seus amigos; raramente equivocado; ele, que também conheceu a tristeza e a solidão, soube ser e se fazer de alegre na convivência com as pessoas e o seu tempo difícil. Além de extraordinário talento, era possuidor das suas convicções e caravana de sonhos e amizades.

Nesse torvelinho de recordações, surge-me sempre um Renato afirmativo, sem contemporizar com os medíocres, os falsos, os prepotentes, um rebelado contra as injustiças e as vulgaridades tantas vezes acobertadas pelo poder ou pela celebridade.

Aparentemente anárquico no modo de ser pesquisador, ele era possuidor daquele grande poder de empatia, indispensável, no meu entender, tanto ao cientista social quanto ao artista para captar a realidade e as suas máscaras. Havia em Renato, além do cronista e do ensaísta, um romancista. Não publicou o seu romance, escrito em longos intervalos, e que procurou revisar e concluir já nos seus derradeiros dias de vida. Este romance, outros inéditos seus, suas crônicas e ensaios deverão ser publicados ou republicados. Republicados já foram o seu livro *Ideologia dos Poetas Populares* e os seus ensaios sob o título de *Tempo Amarelo*. Quando toda a obra de Renato estiver publicada, então, poder-se-á constatar a existência de uma unidade onde a qualidade responde aos que a julgarém pequena por serem mais adeptos da quantidade. Quanto ao escritor admirável que foi Renato, o cronista personalíssimo, o ensaísta de grande intuição crítica e poder interpretativo, o pesquisador lucidamente preocupado em revelar algumas das mais graves injustiças sociais, acredito que permanecerá através da força que possuem os verdadeiros criadores de fazer com que as suas mensagens ultrapassem a duração das suas próprias vidas ficando imunes ao corrosivo passar do tempo.

Numa tarde de 1974, Renato assim começava uma conferência sobre Joaquim Nabuco, alertando que gilbertianamente iria pôr a modéstia de lado: "Lembro-me que, certo dia, saindo de uma das matinais do Cinema Moderno, menino

de 5 anos, conduzido pela mão do meu pai, perguntei a ele quem era aquela figura majestosa num pedestal que dominava toda a praça. Quem era? O dono da cidade? Meu pai me disse, então, o nome daquele belo homem feito estátua: Joaquim Nabuco. Esclareceu que se tratava de um grande pernambucano, abolicionista, notável orador, notável escritor. Disse-me mais: queria que quando eu crescesse, fosse como ele, como Joaquim Nabuco. Infelizmente, o seu desejo não se cumpriu. A beleza física de Nabuco e as suas glórias passaram bem por longe de mim. Talvez, gilbertianamente pondo a modéstia de lado, tenha eu a sua irreduzível pernambucanidade, a sua coragem na defesa dos oprimidos, e espero, aceitando o riso dos que me ouvem, me tornar melhor escritor do que ele. Eu sou mais forte do que Nabuco nas agonias, nas contradições, na boemia, o que não constitui vantagem para mim. Para ele, perco longe nas boas maneiras, na fidalguia permanente, nas atitudes serenas e olímpicas, infensas do câncer de desnecessários, porque inoportunos, passionalismos. Ele é muito mais grego, mais inglês vitoriano, mais francês cartesiano, quase que digo renaniano, ou melhor ainda: uma espécie de racionalista-lírico, se é possível harmonizar as duas expressões, mais norte-americano pragmático, quase que digo monroista, mais casto, mais religioso, e eu mais índio, mais negro, mais mestiço, mais ibérico, mais plebeiramente sensual, mais meu parente José Mariano Carneiro da Cunha, mais ecumênico nas minhas descrenças-crenças religiosas”.

É evidente que Renato não conheceu, não teve as glórias de Nabuco. Nunca foi embaixador, nem parlamentar, nem sequer tentou ser líder político. Morreu muito mais jovem do que Nabuco, não foi filho de Conselheiro do Império, de político poderoso, viveu numa época mais tumultuada, levou uma série de desvantagens. Mas com certeza, tinha o mesmo ânimo de Nabuco para defender os humilhados e oprimidos, a mesma e talvez ainda maior irreduzível pernambucanidade que refletia um grande apego à sua terra, uma defesa permanente de tradições libertárias, uma denúncia intransigente do que na tradição fosse imobilismo social e permanência de privilégios contra o povo. Ânimo demonstrado nas suas pesquisas, a exemplo da intitulada: *Igreja, Política e Região* e em grande parte das suas crônicas e ensaios. Volto a citar trecho da admirável “conferência — ensaio”: “Quantas vezes, por divertimento, passei horas procurando, no dicionário, uma rima para Pernambuco. Nenhuma palavra se encaixava bem: trabuco, caduco, mameluco, maluco. Nenhuma, nenhuma. A melhor rima, certamente: Nabuco. Uma rima de sílabas e de espírito. E não me deixou de ocorrer que Nabuco fosse o próprio Pernambuco que se fizesse carne. Pernambuco do mar, do massapê, dos canaviais, da zona da mata, sobretudo do Recife, mas também ele inteiro, estendendo-se das barrancas do São Francisco aos limites com o Ceará. Pernambuco dos salões e das ruas, regional e universal, Leão do Norte mesmo. E até parece que, para ele, Londres foi uma espécie de namorada, primeiro amor, e Washington a amizade feminina no fim da vida. Pelo que escreveu

sobre as cidades: a amada-amante foi o Recife, onde ela desejou ficar para sempre.

Assim como não consigo fazer diferenças entre os sentidos, misturando-os, algumas vezes, uns me dando a impressão de serem outros, como, por exemplo, achar cheiro num som, abraçar certas palavras no ato do amor, ver um corpo mais com as mãos e a boca do que com os olhos, sentir o perfume de certas músicas, da mesma maneira não faço diferenças rígidas entre as várias artes: poemas me parecendo quadros e quadros me lembrando sinfonias. Desse modo, também gosto de comparar homens a objetos, a animais e a vegetais. Para mim, Joaquim Nabuco, no seu grande momento da Abolição, nas campanhas políticas do Recife, foi um violino. Depois transformou-se, Nabuco o diplomata, o Nabuco do fim da vida, em harpa e órgão, com toques de banda comemorativa do dia da fraternidade universal.

Disse, uma vez, aqui nesta mesma sala, falando de Estácio Coimbra, outro autêntico Leão do Norte, que nós descendentes de portugueses, somos mais sebastianistas do que mesmo quixotescos. Não quero com isso negar que existam rasgos quixotescos em muitos brasileiros. Em Nabuco, por exemplo, disputando a eleição para deputado com o Conselheiro Portella, Ministro do Império, sabendo que ia ser depurado. Em Gilberto Freyre, lutando contra a ditadura que se instalou em Pernambuco, nos idos da década de 40. Foi preso e não era para menos. Todos aqui sabem: como é difícil e arriscado se defender os pobres, os oprimidos, os que não podem falar. Nesse assunto, nem o Cristo, com toda a sua divindade, conseguiu escapar. Não esqueço também os belos rasgos quixotescos de Frei Caneca, Nunes Machado, Abreu e Lima e D. Vital. Diga-se de passagem, muito de passagem, que houvesse de se tirar do mapa do Brasil um Estado para representar D. Quixote, o escolhido seria Pernambuco. Não lhe faltam magreza, loucura e sonho para tanto”.

Realmente, Renato tem razão: Pernambuco com suas revoluções falhadas, com os castigos que lhe têm sido impostos depois de vários movimentos libertários abafados a ferro e a fogo, é uma espécie de D. Quixote da Federação.

Renato, assim concluiu, uma das suas admiráveis crônicas, em 1975, uma crônica — quase ensaio — onde parece pintar com as palavras um belo e estranho mural da cidade, retratando, como se estivesse possuído pelos duendes do Recife, toda a beleza e miséria de uma cidade que sempre tem se reerguido diante da História com o irredutível ânimo libertário dos seus homens e mulheres do povo, de alguns dos seus políticos, dos seus artistas, escritores e jornalistas, heróis e mártires: “Sinto-me preso ao Recife com a resignação de um condenado à prisão

perpétua. Pés de chumbo, asas cortadas. Lar e exílio ao mesmo tempo. Nunca, porém um Robinson Crusóe cansado da sua ilha. Sinto que há alguma coisa de conquista na minha permanência. Algo assim como quem apanhou e deu mas que não terminou perdendo. Mais: compreendeu, identificou-se, misturou-se. A coragem de ficar, de não fugir, de não procurar melhoras, como se possuíssemos — eu e o Recife — um mesmo destino, independente dos seus dirigentes, dos seus transitórios amores oficiais”.

Evidentemente que, no trecho que acabo de citar, tentando ressaltar o seu amor pelo Recife, não há nenhuma alusão crítica à coragem, nem poderia haver, dos que tiveram de abandonar o Recife tangidos pela miséria ou pelas perseguições políticas em diferentes épocas da sua História. Nem, tampouco, aos que por este ou aquele motivo, daqui se ausentaram sem deixar de manter os compromissos que todo homem deve ter com os destinos da sua terra, aos que, mesmo à distância, alguns no exílio, correram os riscos desses compromissos. Esta explicação para quem já tenha lido a crônica é desnecessária. Desnecessária, talvez, inclusive, porque não pode haver dúvidas, para quem conheça a obra e a vida de Renato, de que ele sempre foi contrário a qualquer regime repressor da liberdade e a toda espécie de sectarismo. Ele nunca foi filiado a nenhum partido político. Naquela conferência sobre Nabuco, à qual me referi, afirmou em determinado momento: “Sei que sou apenas um ultrapassado liberal”. Discordo do adjetivo ultrapassado. Mas é, ainda, Renato quem diz na mesma conferência: “Falta-me o gosto pela política que atingiu Nabuco em certa fase da sua vida. O social me interessa na minha condição de sociólogo e de escritor, o que não significa silêncio conivente nem aceitar verdades impingidas de cima para baixo”.

Entendo que Renato demonstrou não apenas na sua bela crônica sobre o Recife, mas em toda a sua obra e na sua vida, que possuía um grande amor pela sua terra, amor que independia de qualquer dos dirigentes eventuais em qualquer época. Ele nem cortejava dirigentes e poderosos, nem sentia necessidade de por eles ser cortejado. Morreu sem condecorações, com a lapela limpa, mas ele dava muito valor à estima dos amigos e quase nenhuma importância aos títulos honoríficos, aos cargos, aos quais nunca perseguiu e muito menos fez deles meta da sua vida.

Ao reler suas crônicas, em certos momentos, imagino ter Renato ao meu lado, lendo para mim, como fazia sempre, a que publicaria todas as semanas. Imagino, também, revê-lo escrevendo muitas delas, no antigo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, instituição onde é mais do que nome de prédio e retrato na parede: uma lembrança viva através da admiração dos seus companheiros, e da permanência e da atualidade do valor das suas pesquisas. Naquele Instituto, Renato trabalhou durante vinte e sete anos, bem mais da metade do

tempo que lhe foi dado viver, e fez alguns dos seus inúmeros amigos, muitos deles fraternais; pesquisadores, motoristas, contínuos, em toda a escala da hierarquia funcional Renato tinha grandes e leais amigos. Naquela Casa de Pesquisa, ele iniciou, quase adolescente, a sua vida de pesquisador, sendo por muitos anos Diretor do Departamento de Sociologia, vindo a exercer e receber fortes influências intelectuais, pesquisou e publicou estudos e ensaios notáveis entre outros tantos notáveis já divulgados pelo Instituto Nabuco. Ali, ele conheceu Gilberto Freyre, que viria — como o próprio Renato confessou tantas vezes — a exercer grande influência sobre o Renato sociólogo e escritor. Gilberto Freyre, certa vez, disse ser Renato o seu amigo mais completo. Ouvi e muitos amigos de Renato o ouvirem dizer: "Cursei Gilberto Freyre como se cursa uma Universidade". Eram, realmente, grandes amigos, de um tipo de amizade rigorosamente leal e fraterna. Gilberto Freyre e Renato tiveram eventuais discordâncias, algumas delas de ordem política, outras sobre pessoas, alguns amigos de Renato não eram amigos de Gilberto nem todos os de Gilberto eram admirados por Renato. Mas estas discordâncias não afetaram a grande amizade e sincera admiração que nunca deixaram de ter e proclamar um pelo outro. Sobre Renato, o autor de *Casa-Grande & Senzala* no seu lúcido ensaio — *Renato Campos: Em Torno do Seu Modo de Ser Sociólogo* — afirmou: "A projeção do seu nome e da sua obra de sociólogo prematuramente desaparecido, sobre a cultura brasileira começa a ser a de um renovador dessa cultura no setor da sociologia em sentido oposto ao tecnocraticamente sociológico. Tende a fazer-se sentir num tempo além do seu: do vivido crónologicamente por ele até os quarenta e seis anos. E que foi apenas o início de sua plena maturidade ou de plena posse, por mestre ainda jovem, de uma consciência de sociólogo em que o humanismo e a própria literatura acompanhasssem a ciência. A marca da presença de Renato Carneiro Campos nas letras brasileiras é das que se acrescentam inconfundivelmente a seu além-tempo: à sua sobrevivência, apenas em começo, nessas letras, como um dos mais incisivos ensaístas literários da sua geração, ao qual decerto se juntará, quando for publicado, o romance que deixou escrito, seu talento de ficcionista também ao seu modo. A seu modo porque Renato foi daqueles dos quais sempre será preciso dizer que foi isto ou aquilo, não convencionalmente, ou de todo ortodoxamente, mas sempre a seu modo: renatianamente".

Ele, realmente, fazia tudo ao seu modo, com uma independência intelectual que nem os seus adversários podem colocar em dúvida se não quiserem ser mesquinhos. Tendo a grande e generosa capacidade de admirar, não lhe faltava a de divergir lealmente, inclusive de amigos, quando achava justo e necessário. Era dos que conheciam a grande verdade que transparece nestas palavras de Nise da Silveira: "Quando as opiniões divergem e o entendimento persiste, então a amizade é segura e tranqüila". Não era Renato, desses intelectuais que pecam pelo excesso dos que querem se afirmar a todo custo, atacando ou elogiando sistemática e interesseiramente, com enfadonhas repetições e constância, incapazes de criar,

ao contrário dos que se afirmam corajosamente por serem valores em si mesmos e nas suas obras, tão distantes dos que passam a vida unicamente a incensar ou atacar esta ou aquela pessoa, este ou aquele escritor, escravos da bajulação ou do ódio, numa eterna dependência dos valores ou defeitos alheios.

Quem ler as crônicas de Renato poderá observar que ele, às vezes, escrevia mais de uma vez sobre o mesmo tema. A explicação talvez esteja nas palavras de Alberto Moravia falando da sua própria obra: "Nas obras de todo escritor que tenha um conjunto de trabalhos que revele o seu esforço, a gente encontrará temas que se repetem. Assim, tanto um único romance, como a obra toda de um escritor, à semelhança de uma composição musical em que os personagens são os temas, completam, de variação em variação, toda uma parábola".

Por vezes, excepcionalmente, Renato aproveitou os temas de algumas das suas crônicas em ensaios e os temas de alguns ensaios em crônicas. O caso, por exemplo, de seu ensaio *Joaquim Nabuco: um agitador de idéias* — lido como se fosse uma conferência e, posteriormente, publicado em *Tempo Amarelo*. Um grande trecho desse ensaio aparece numa das suas crônicas, *Um Homem Violino*, muito representativa no que tem de revelador da personalidade de Renato, do seu modo de ser escritor.

Na sua crônica intitulada *Cinza*, ele mostra todo o seu virtuosismo de escritor, arrastando no cortejo de várias situações capazes de revelar tristeza, sofrimento, decadência, injustiça, perigo, medo, aflição, e arrependimentos, a idéia que possuía dessa cor: "chumbo pesado sufocando o peito. Cinzento de madrugada que não amanhece nunca e de fins de tarde que jamais anoitecem. Cinza de amizades perdidas, de amores que arderam como fogo de monturo, lajes frias, esquecimentos, alfinetes, punhais, abismos, passados deteriorados. Medo, Cinzento de coisas repetidas, saudades esquizofrênicas, dores sem diagnóstico e terapêutica". Um poeta que, em vez de dar cor às vogais, como fez Rimbaud, desse cor a instantes, situações, sentimentos: "Nada dos prateados quixotescos, dos vermelhos lawrencianos, dos roxos franciscanos, dos azuis fidalgos, dos negros auxiliares, dos brancos finais, dos verdes infantis, dos amarelos que gritam. Cinza do penúltimo minuto, da palavra que não foi dita, da mentira silenciosa, dos profundos desentendimentos quanto mais as pessoas se entendem. . . Cinzento de viver a opinião dos outros. Cinzento da embriaguez inexplicável e obstinada, de fingir uma profissão que não se tem, uma coragem desde muito tempo falecida. Cinzento das esmolas negadas, das gorjetas magras, dos pratos divididos, das atitudes políticas neutras, das dívidas, das viagens adiadas, das ofensas despistadas. Olhos cheios de neblina e cataratas".

No seu *Carlos Pena Filho: Poeta da Cor*, onde ele em ensaio admirável, analisa de modo arguto a presença da cor, notadamente o azul, na obra do poeta

pernambucano, lembra-nos que: "O estudo das cores fascinou Goethe, que chegou a expor uma teoria a respeito do assunto, considerando a luz como um símbolo de Deus. As cores seriam os símbolos da luz. Os antigos lhes atribuíam poderes místicos, associando-as às divindades. A liturgia da Igreja Católica está impregnada dessa poderosa simbologia, o mesmo acontecendo com os ritos afro-brasileiros. Países, clubes esportivos, partidos políticos possuem as suas cores distintas. Admite-se, hoje, que elas têm um sentido real, psicológico. Aproveitadas na moderna Psicologia, através de testes para melhor descoberta da personalidade do indivíduo, à maneira do que fez o psicólogo suíço Pfister, são de grande ajuda para a orientação vocacional. E por serem algumas consideradas depressivas e até excitantes, enquanto outras repousam e acalmam, os psiquiatras também estão levando em grande consideração os seus efeitos no psiquismo das pessoas, depois de estudadas as importantes associações com os gostos e desejos humanos. Diversas são as expressões da linguagem usual em que representam um sentimento, um fato ou um dos sentidos: "roxo de raiva", "doce como violeta", "amarelo de medo", "tudo azul", "cinzento de morte", "vermelho de vergonha", etc. (. . .)

"No terreno das artes, principalmente das artes plásticas, a cor é juntamente com a forma um elemento imprescindível. Fala-se em cores quentes, berantes, frias, agressivas e doces. Possuem sons claros; guardam os perfumes dos ambientes exóticos. Muito se poderia dizer do assunto, das curiosas propriedades, por exemplo, que possui a cor para sugerir espaço, a forma tridimensional. O roxo se destaca, querendo sair da tela, o azul se adentra, dá sentido de profundidade. Seria ocioso, porém, discorrer sobre a importância das cores nas artes plásticas."

Homem da zona da mata, onde as cores são intensas na paisagem, explodindo nos frutos e flores, ele tinha um verdadeiro fascínio pelas cores. Era, inclusive, admirador e muito amigo de pintores: João Câmara, Francisco Brennand, José Cláudio, Maria Carmem e muitos outros. Um dos seus livros ele intitulou *Tempo Amarelo*. Relembro, neste instante, o início do seu ensaio *Igreja, Política e Região*, onde tanto apela para as cores retratando "a paisagem aparentemente doce" da zona da mata de Pernambuco: "A terra é cortada por rios e riachos perenes, farta de verdes, desde o escuro das folhas da jaqueira até o mais claro e ensolarado do bambu e da cana-de-açúcar. Entretanto, dentro dessa paisagem, de tão grande fascínio para a sensibilidade plástica de nacionais e estrangeiros, vive uma população que se sacrifica, não de maneira brusca como nos rituais primitivos, mas em fogo brando, como nos campos de concentração, prisioneira secular das grades dos canaviais. Um negro sujo se entranha por tanto verde. Geralmente os rostos dos trabalhadores são escuros; as casas, em grande maioria, não têm luz, com manchas negras de fumaça desenhadas nas telhas e paredes; as painelas de barro ficam da cor do feijão preto; as roupas, encardidas; o açúcar mascavo puxa também para o preto, do mesmo modo que a farinha sem goma; calvas enegreci-

das surgem nos montes após as queimadas; as águas se turvam pela invasão dos detritos das usinas; a lama, em dias de inverno, empresta botinas de terra às pernas dos moleques'.

Vale a pena ler sua crônica *Cinza*, talvez um poema em prosa. Não apenas essa, mas todas, destacando-se talvez entre elas: *Tempo de Estar Vivo e Mensagem de Dezembro*, do último dezembro de Renato. O pressentimento da morte: "Sinto como se vivesse o primeiro e último Natal". Crônicas verdadeiramente antológicas são também, entre outras, *Os Humildes* e *A Coragem do Ridículo*, esta última publicada no Diário de Pernambuco, em 23 de maio de 1976, e da qual lembro o trecho admirável: "Desconfio dos indivíduos extremamente arrumados, incapazes de um assovio, de uma pirueta, representando, a todo momento o espetáculo da sua importância entre os vivos, os cargos de destaque que ocupam. Vivem de alma sempre em posição de sentido, espartilhada, presa pela coileira do tão elogiado bom-senso. Afinal de contas, nada de realmente grande, até hoje, foi feito com bom-senso, esta qualidade eminentemente burguesa. Lembro-me de Sócrates, Thomas Morus, Galileu, Pasteur, Cervantes, Shakespeare, El Greco, Dostoievski, Wagner, entre tantos outros grandes exemplos.

Loucuras de Quixotes, Romeus, Faustos, Stavroguines. Evoco a figura ligeira, quase um pássaro, antiga, fora de moda, noturna e de todas as épocas: Carlitos. A sua densa e invulnerável ternura, os seus sonhos, os seus desejos de liberdade e fraternidade. Os carrascos, os torturadores, os sectários, os opressores, os ganhadores de dinheiro estimam passar por sérios, respeitáveis. Ironicamente, porém, com o passar do tempo o povo termina por considerá-los mais do que ridículos: grotescos. A figura de Hitler é um bom exemplo. E os palhaços adquirem alguma coisa de sábios por compreenderem o sentido mais profundo da vida, por mais paradoxal que pareça. Ninguém esqueça os títulos dessas duas grandes obras: *A Comédia Humana*, de Balzac, e *A Divina Comédia*, de Dante".

Algumas vezes, a sua crônica é uma espécie de crítica literária sobre livros de sua admiração, noutras transparece o cientista social apontando injustiças. Em algumas delas, como se fosse herdeiro do ensaio montaigniano, a sua ironia não deixando de ser crítica de costumes, tipifica: *O Adesista*, *O Novo-Rico*, *O Intrigante*, *O Literato*, *A Grã-fina*, *A Mal-amada*, *O Recalcado*, *Secretários do Mundo*, *O Xeleléu*, *O Genro*, *O Fofoqueiro*, *Os Escorpiões*, além de outras: *Da Ingratidão*, *Da Angústia*, *Cansaço*, *A Coragem do Ridículo*, *Melancolia*, *Amizade*, onde revela o psicólogo que existe em todo escritor ao tentar descerrar as cortinas que, tantas vezes, encobrem a natureza humana nas suas alturas e abismos mais profundos. Noutras crônicas, confessa amar certas decadências, em várias exalta e recorda amigos vivos e mortos. Há, ainda, aquelas crônicas onde ele tem muito de memorialista, de autobiográfico, fazendo espécies de con-

fissões, lembrando trechos de romancistas russos do século XIX. Nas suas crônicas e na sua vida, como na vida e na obra de todo homem inteligente que não busca apenas a razão, mas a verdade, também podem surgir aparentes contradições, porque como diria o mago espanhol: "A razão é aquilo em que todos estamos de acordo, todos, ou pelo menos a maioria. A verdade é outra coisa, a razão é social; a verdade, normalmente, é toda ela individual, pessoal e intransmissível. A razão nos une e as verdades nos separam". Talvez por isto, nele havia contradições, paradoxos. Não era pessoa fácil de ser definida. Não tinha um tipo de coerência que, muitas vezes, serve de muletas para espíritos medíocres incapazes de romper com a força do sonho os véus que encobrem a realidade que apenas julgam ser aquilo que está ao alcance dos seus olhos, das suas mãos, ávidos de amealhar dinheiro, gloriúnculas, poder, incapazes de qualquer loucura, os "cadáveres adiados que procriam" dos versos de Fernando Pessoa a quem Renato, aliás, tanto admirava. Ele era um escritor. A sua obra não recebeu, ainda, a repercussão que merece. Não ultrapassou muito as fronteiras da sua cidade do Recife que está tão presente em algumas das suas melhores crônicas. Mas Renato não era desses burocratas da literatura, organizadores do próprio sucesso, esquecendo a vida e os seus chamamentos vitais. Viveu com intensidade quixotesca as suas paixões, entre o fogo cerrado a que são submetidos os que não se poupam. A sua máquina de escrever era como o santuri que Zorba só tocava quando era chamado pelo seu duende, uma necessidade vital e essencial da sua vasta alma e do seu imenso coração.

Criou em algumas das suas crônicas, um lugar ideal, uma espécie de Pasárgada, Tampico. Lá, foi personagem de si mesmo.

Feriram-no profundamente as perseguições políticas que sofreram alguns dos seus amigos, após 1964. Ajudou-os no que pôde, com palavras e gestos. Infelizmente, ao morrer em 31 de janeiro de 1977, não assistiu à anistia, não teve a alegria de ver o que tanto almejava: o país caminhando, apesar das pedras colocadas ou atiradas por fanáticos ou sectários de todas as espécies, pela estrada que o pode levar para a liberdade sem a qual é impossível existir justiça social.

As suas últimas crônicas demonstraram toda sua coragem, e o cronista parece encontrar o seu apogeu de escritor nesse gênero. É com grande emoção que releio suas palavras, escritas exatamente trinta dias antes da sua morte, o primeiro dia de 1977: "Não me queixo deste ano de 1976. Talvez tenha sido o ano mais intensamente vivido da minha vida. Estouros de alegria e arrepios de morte. Sentenças de toda espécie. Desesperos renovadores. Revisões. A valorização de minutos. Minutos valendo eternidades. O tempo sendo prisioneiro constantemente. Instantes guardados em cofres, pipetas, bolsos de algibeira. A vida em alta voltagem, o velocímetro quebrado, as fronteiras do relógio paralisadas. Um tempo que se vai fazendo largo por recordação e sonhos. O minuto bem espremido,

virando bagaço, todo sumo avidamente aproveitado. A infância convocada para o reforço da reação às legiões de angústia. Luta de vida e morte". E mais adiante: "De qualquer modo, estou preparado para ir mais longe do que qualquer esperança". Mas ele também disse: "Somente o amor destrói a morte". E ele, que tanto sabia das coisas, devia estar mais uma vez certo, porque não é difícil imaginá-lo vivo, nós que o amamos na condição de leitor, admirador, parente ou amigo, ou todas elas reunidas. Difícil é imaginá-lo morto, quando relemos os seus livros, parecendo escutar a sua voz falando do Recife — das suas manhãs e dos seus verões — de amor, luta, vida e morte, de tristezas e alegrias, esperanças e desesperanças, as palavras feito faca afiada cortando parcelas de tempo; as palavras à semelhança de pincel, retratando em cores vivas pessoas e situações; as palavras feito as notas musicais formando os acordes de uma sonata que musicava os seus sonhos. Por isto, como ele consideramos: "que é possível ir além de qualquer esperança". Ele foi além, com o seu duende, os estandartes dos seus melhores sonhos que o conduziram nas batalhas em que lutou, na vida que corajosamente viveu.

Do que ele escreveu, antologias ou coletâneas poderão surgir. A família de Renato — no caso, Pompéia e filhos — doará todos os documentos e manuscritos dele ao *Centro de Documentação e de Estudos da História Brasileira Rodrigo Mello Franco de Andrade*, integrante da Fundação Joaquim Nabuco, sucessora do antigo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Assim, quem se interessar pela sua obra poderá ter acesso fácil a esses documentos.

Muitos escritores, com mais méritos, isenção e capacidade crítica do que eu, já escreveram sobre Renato. Sobre o cronista admirável que ele foi, as suas crônicas dirão melhor do que eu possa dizer, nestas palavras onde apenas reafirmo minha admiração, e exorciso, num texto canhestamente escrito, uma saudade, falando sobre ele, agora, e sempre que souber reunir algumas palavras em sua homenagem.

BIBLIOGRAFIA

BAKER, Carlos. *Hemingway: o escritor como artista*. Trad. de Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

———. *Ernest Hemingway: o romance de uma vida*. Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971.

CAMPOS, Renato Carneiro. *Tempo amarelo*. Recife, Editora Massangana, FUNDAJ, 1980.

- CAMPOS, Renato C. *Igreja, política e região*. Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1967.
- _____. *Carlos Pena Filho — poeta da cor*. Recife, Imprensa Universitária, UFPE, 1967.
- COUTINHO, Afrânio. *Notas de teoria literária*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- FREYRE, Gilberto. Renato Campos: em torno do seu modo de ser sociólogo. *Ciência & Trópico*, v. 4, n. 2, jul./dez., 1976.
- LORENS, Günter W. *Diálogo com a América Latina*. Trad. de Rosemary Costhek Abílio e Fredy de Souza Rodrigues
- MORAVIA, Alberto. *Escritores em ação: as famosas entrevistas à "Paris-Review"*. Coordenação e prefácio de Malcolm Cowley. Trad. de Brenno Silveira. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1968.
- PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Lisboa, Ed. Ática, 1967.
- PORTELLA, Eduardo. *Dimensões I*. Rio de Janeiro, Ed. Agir, 1959.
- RAMOS, Clara. *Mestre Graciliano: confirmação humana de uma obra*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.
- ROSA, Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1958.
- UNAMUNO, Miguel de. *Como se faz uma novela*. Lisboa, Ed. Verbo, s.d.